

DOS CONCEITOS PARA A CULTURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDIÇÃO E ESTUDO DO VOCABULÁRIO DE UMA “ACÇÃO ORDINÁRIA DE DESQUITE” DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto¹

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

RESUMO: A edição de documentos de épocas pretéritas e/ ou presentes é uma tarefa realizada há muito tempo pelos filólogos. Através da edição textual são trazidas à tona a história, a cultura, a língua e a sociedade representadas naqueles. Assim, ao editar uma ação de desquite do início do século XX (constante no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC), localizado na Universidade Estadual de Feira de Santana) evitamos que o seu conteúdo se perca e com este a cultura e a história. Ademais, aliamos, neste trabalho, a Filologia e a Lexicologia no sentido de que através do vocabulário são mais perceptíveis os aspectos sociais, políticos, históricos, etc. E, pensando nisso, aportar-nos-emos no Sistema Racional de Conceitos desenvolvido por Hallig e Wartburg ([1952] 1963), que trata da Onomasiologia, a qual parte do conceito para o significado, a fim de trazer à tona a cultura de uma determinada sociedade a partir das lexias.

PALAVRAS-CHAVE: Ação de desquite. Filologia. Léxico. Cultura.

ABSTRACT: The document editing past times and / or gifts is a task performed long ago by philologists. By editing text, are brought to the fore the history, culture, language and society represented in those. Thus, when editing an action of separation of the early twentieth century (constant in the collection of the Centre for Documentation and Research (CEDOC), located at the State University of Feira de Santana) avoided its content is lost and with this culture and history . Furthermore, we combine this work, philology and Lexicology in the sense that through the vocabulary are more noticeable the social, political, historical, etc.. And, thinking about it, we will contribute in Rational System Concepts developed by Hallig and Wartburg ([1952] 1963), which deals with Onomasiologia, which part of the concept of the meaning, in order to bring out the culture of a given society from lexis.

KEYWORDS: Action of divorcement. Philology. Lexicon. Culture.

“[...] O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar da cultura [...]” (BIDERMAN, 1981, p.134)

¹ Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Mestranda em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. E-mail: nilce11.barreto@gmail.com.

² Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana, coautora e atuante no Departamento de Letras e Artes na Graduação e Pós Graduação. E-mail: rcqueiroz@uol.com.br.

1. Introdução

É sabido que o homem muda constantemente a língua, no sentido de adaptá-la às suas necessidades de uso, a fim de estabelecer e/ou melhorar a comunicação dentro de sua comunidade linguística. A partir de tal compreensão, é impossível pensar em língua(gem)/ fala/ comunicação/ palavras sem levar em consideração a sociedade e a cultura do povo que as utiliza, visto que o tripé língua, sociedade e cultura caminha sempre de mãos dadas, fato este que evidencia uma estreita relação.

Assim, para alguns povos, uma fotografia tem o poder de “captar” a alma daquele que é fotografado, podemos dizer, metaforicamente, que a língua “captura” a cultura do povo que a usa, captação esta refletida no nível do léxico. Baseado nesse pressuposto, Rohlf (1960) afirma que o léxico é a totalidade das palavras de uma língua natural e que as mudanças constantes no vocabulário estão relacionadas com a cultura e a política, ou seja, é na constituição do léxico que são refletidas as características socioculturais de um povo ou grupo de povos.

Para corroborar tal afirmação, Oliveira e Isquardo (2001, p.7, grifo nosso) deixam claro que:

O léxico [...] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, *o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade.*

Como observado nas palavras de Oliveira e Isquardo (2001), é no léxico que realmente percebemos os aspectos culturais que identificam um determinado povo, pois naquele ficam transparentes os sentimentos, as ideias, os desejos, as angústias, etc. da sociedade que constitui(u) o sistema infinito de lexias, ou em outras palavras, é a cultura, representada a partir do vocabulário, que desempenha um papel crucial nas escolhas, renovação e constituição lexicais realizadas pelos sujeitos, já que estes são seres, por excelência, sociais.

Dessa forma, para conhecermos e retirarmos do “mar do esquecimento” todo o legado cultural, nos debruçamos sobre textos, sejam estes pretéritos e/ou presentes, que se encontram “perdidos” em acervos públicos e/ou particulares, os

quais guardam consigo a história, os hábitos, os valores, etc. de muitos povos que foram “lançados” nas linhas do tempo.

2. A Filologia e o *corpus*: Percorrendo os rastros da cultura a partir da mancha escrita

Com a finalidade de resgatar textos desconhecidos, mas que trazem consigo uma enorme gama de informações imprescindíveis para que conheçamos a nossa própria história, é que surge a filologia, definida por Cambraia (2005, p. 18) como o termo “[...] para designar o *estudo global de um texto*, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc” (grifo do autor).

Nesse sentido, a filologia, mesmo tendo sua origem contada desde a Antiguidade Clássica, em que os estudiosos da língua se reuniam na Biblioteca de Alexandria a fim de salvaguardar os textos escritos por Homero e outros escritores da época, foi somente no século XIX que a filologia finalmente conquistou o *status* de ciência, pois a partir desta data ela “[...] conquistou seus métodos críticos: com edições críticas representou textos seguros e elaborou uma sólida regulamentação das evoluções fonéticas e morfológicas [...]” (BALDINGER, 1966, p.40).

Assim, através dos critérios estabelecidos filologicamente no século XIX, foram trazidos à tona textos genuínos a partir das edições realizadas pelos filólogos que, ao se depararem com quaisquer tipologias textuais têm o poder de decidir qual o tipo de edição será feita, bem como tem o dever de conhecer a língua representada na mancha escrita com o objetivo de distinguir os padrões de comportamento do povo, para que se possa chegar a identificar o máximo de palavras (léxico) existentes nessa língua, pois como sabiamente disse Melo (1971), cabe ao filólogo identificar e analisar as formas, a estrutura gramatical e a evolução da língua a partir do texto que se tem à disposição, já que é o texto escrito que apresenta convincentes indícios de como o sistema linguístico funciona ao longo do tempo. Até mesmo porque a língua, materializada em suportes físicos, é reveladora da cultura e da sociedade e, conseqüentemente, dos padrões socioculturais dos povos, fato este que lhe confere também um aspecto essencialmente social.

Em suma, “[...] na filologia a língua é apenas instrumento, o meio de que se serve o estudioso para compreender e interpretar os documentos onde se encerram os dados da civilização [...]” (BUENO, 1967, p.11), ou seja, o texto escrito

se transforma em “testemunha ocular” da língua para que seja possível conhecer a cultura representada naquela.

Portanto, a filologia nos proporciona os dados, através das edições, para que analisemos as mudanças linguísticas ao longo do tempo, ou seja, a filologia é a ciência do texto, que nos permite observar e estudar a língua em sua amplitude, tanto no tempo quanto no espaço.

2.1. Entre a “Acção” e o papel: A descrição do *corpus*

Compreendemos que ao estudar e editar um texto são revelados dois aspectos importantes: de um lado, a história e a cultura do povo que o produziu, e de outro, a enorme complexidade e integração do sistema linguístico. Sob tal compreensão, trataremos, neste trabalho, de uma ação ordinária de desquite do início do século XX, cuja localização no Centro de Documentação e Pesquisa, doravante CEDOC, é: Estante 03, Caixa 65 e Documento 753, com 97 fólios escritos no recto e no verso, em letra cursiva, em tinta preta e, em alguns fólios, datiloscrito. A ação cível foi escrita em papel almaço e lavrada no período de 1919 a 1922, a qual foi solicitada por Dona Albertina da Motta Barretto, autora do processo, contra o seu marido, Antonio Alves Barretto. Nesse documento é trazida “à superfície” a cultura da cidade de Feira de Santana do início do século XX, a qual é o *locus* central do desenrolar da história dos envolvidos.

O acervo do CEDOC, localizado na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS – comporta documentos inúmeros, sejam estes das esferas cível ou crime, no qual também encontramos disponível para leitura e estudos a referida ação de desquite, a qual apresenta algumas particularidades, a saber: a) todos os fólios (recto e verso) apresentam uma numeração (de 1 a 30) na margem esquerda; b) os fólios 3r, 4r, 19r, 36r, 37r, 38r, 39r, 40r, 41r, 42r, 43r e 44r começaram a ser escritos a partir da linha 7; c) a mancha escrita nos fólios 65r e 66r foi iniciada a partir da linha 5; d) já os fólios 33r e 53r foram escritos a partir da linha 8 e 9, respectivamente. Também é possível identificar no documento um timbre estadual, um selo escrito “Imposto do sello”, rubricas em alguns fólios e numeração, feita pelo escrivão, em todos os fólios, sendo que estas duas últimas (rubricas e numeração) constam na margem superior direita de cada fólio e, em alguns fólios, ocorrem numeração e rubrica simultaneamente, como podemos observar nas figuras 1, 2, 3 e 4:

Figura 2



Figura 1



Inscrição: THESOIRO DO
ESTADO DA BAHIA

Inscrição: IMPOSTO DO SELLO 300
REIS

Fonte: Acção Ordinária de Desquite (1919 – 1922)
Acervo do CEDOC

Fotografia: Josenilce Barreto

Figura 3 - Numeração



Figura 4 – Numeração e Rubrica³



Fonte: Acção Ordinária de Desquite (1919 – 1922)
Acervo do CEDOC

Fotografia: Josenilce Barreto

Vale salientar que todas essas especificidades descritas, anteriormente, só se referem aos fólhos escritos no recto. Contudo, alguns fólhos do verso também apresentam algumas características peculiares, por exemplo: os fólhos 1v, 4v, 22v, 28v, 34v, 47v, 51v, 57v, 60v, 61v, 72v, 74v e 97v estão em branco. Já os fólhos 15v e 62v apresentam a mancha escrita apenas a partir da linha 9; o fólho de número 13v, 53v e 56 estão escritos a partir da linha 13, da linha 6 e da linha 8, respectivamente; os de número 9v, 20v e 74v começaram a ser escritos a partir da

³ A partir dos círculos em vermelho, notamos que na figura 3 há apenas a presença da numeração (7) referente ao respectivo fólho. Já na figura 4 há o número 6 na margem superior direita (indicando a numeração do fólho) e também uma rubrica feita por João C. Vital, ou seja, podemos observar que neste fólho há a ocorrência tanto da numeração quanto da rubrica do Tabelaio de Notas, João Carneiro Vital.

linha 11; os fólhos 64v, 65v e 66v, por sua vez, começaram a ser escritos a partir da linha 5; e, por último, os fólhos 2v, 3v, 36v, 37v, 38v, 39v, 40v, 41v, 42v, 43v, 44v e 81v foram escritos a partir da linha 7. Características estas que denotam o quanto o documento em análise é heterogêneo, assim como a própria língua que usamos.

No entanto, a acessibilidade ao documento encontra-se em fase de transição, visto que aquele já apresenta um razoável estado de deterioração causado pelas ações do tempo e pela própria tinta utilizada pelos escrivães. Além do mais, a maioria dos fólhos encontra-se amarrada por um barbante que os costura, evidências constatadas a partir da observação do suporte material. Vejamos a seguir algumas características exógenas:

Figura 5 – Características extrínsecas do documento

Figuras:	Descrição:	Fólio
	Insetão realizado por terceiros	1r
	Furo na margem inferior direita	2v
	Encadernação feita com um barbante de cor vinho	Em todos os fólhos
	Furo na margem superior esquerda	17r
	Mancha no centro do folho na margem inferior	19v
	Mancha no centro do folho na margem inferior	20r
	Mancha na margem superior esquerda	21r
	Mancha no centro do folho na margem direita	31r
	Mancha na margem superior esquerda	86v
	Mancha na margem superior direita	87r
	Furo na margem inferior esquerda	72r
	Furo na margem inferior esquerda	87r

Fonte: Acção Ordinária de Desquite (1919 – 1922)
Acervo do CEDOC

A partir das características externas, comprovamos a extrema necessidade de editar, o mais rápido possível, o documento manuscrito, a fim de

evitar a perda total do seu conteúdo e com este a cultura e a história do povo que o construiu.

3. O conteúdo do *corpus*: A edição semidiplomática

Como dito anteriormente, o documento se refere ao pedido de desquite feito por Dona Albertina da Motta Barretto contra o seu marido, o qual é acusado de ter abandonado o lar conjugal por um período maior do que dois anos consecutivos. Para a execução desse processo, a autora contou com o apoio do seu pai, o Coronel Agostinho Fróes da Motta, dos seus irmãos e do dinheiro cedido pelo seu influente pai, que contratou um advogado para defender a causa de sua filha. Em contrapartida, o réu também contou com o apoio paternal, do senhor Estanislau Alves Barretto, alegando, nos autos do processo, que havia abandonado o lar pelo fato de que sua esposa o havia expulsado do leito conjugal e, conseqüentemente, se negado a exercer as suas funções conjugais, bem como porque D. Albertina atentara contra a sua vida em uma noite quando lançou sobre ele alguns objetos domésticos, fatos estes que, segundo o Sr. Antonio Alves Barretto, o incitaram a abandoná-la e a não mais retornar ao seio familiar.

Outra informação relevante constante nesse documento é a presença da cidade de Feira de Santana – Ba como cenário principal no desenrolar da história dos envolvidos, pois são apresentadas ao longo do texto menções a nomes de ruas, como por exemplo, Rua dos Remédios, Conselheiro Franco e Barão de Cotegipe, existentes até hoje, testemunhas oriundas tanto de Feira de Santana, como de cidades vizinhas a esta, a saber: São Gonçalo dos Campos e Cachoeira; e menção à Praça João Pedreira, também localizada em Feira de Santana.

Contudo, para a realização da edição semidiplomática, na qual a intervenção do editor é apenas desdobrar as abreviaturas e separar as palavras unidas e unir as separadas, foi necessário o estabelecimento de alguns critérios (QUEIROZ, 2007, p. 34), como:

Para a descrição do documento, observamos:

- ✓ Data do manuscrito;
- ✓ Tipo de papel;
- ✓ Tipo de escrita;
- ✓ Número de abreviaturas;
- ✓ Maiúsculas mais interessantes;
- ✓ Existência de sinais especiais;
- ✓ Existência de ornamentos;

- ✓ Número de linhas da mancha escrita;
- ✓ Número de colunas.

Já para a transcrição, optamos por:

- ✓ Respeitar fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fólio, etc.;
- ✓ Separar as palavras unidas e unir as separadas;
- ✓ Utilizar colchetes para as interpolações;
- ✓ Desdobrar as abreviaturas, apresentando-as em itálico;
- ✓ Numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólio;
- ✓ Indicar o número do fólio à margem direita.

A seguir apresentamos alguns trechos do documento em análise:

Edição fac-similada do fólio 2r da “Acção Ordinaria de desquite” de Dona Albertina da Motta Barreto contra o seu marido

Figura 6 – Fólio 2 r

Exceção ao Sr. Senhor Doutor Juiz de Direito desta Comarca. – F. 2r

Doutor Campos Feira, 1800 Dezembro
De 1919 [assinatura]

Diz Dona Albertina da Motta Barreto, brasileira, proprietária, residente nesta cidade à rua Nossa Senhora das Remédios, por seu advogado infra assignado- como fás certo a prolação que a esta acção se refere, que tendo casado civilmente e pelo regimen da communhão de bens, com o senhor Antonio Alves Barreto - no anno de 1895, acanheceu que este, por motivo do seu geito incontinentemente diverso do da Supplicante, fôra pouco a pouco, se incapacitando para viver na conjugal e afinal, voluntariamente abandonou-a no dia vinte e cinco de Dezembro de anno de mil e novecentos e trase - e mais não voltara a elle até hoje.

A Supplicante com isso e por isso, inteiramente resignada, protestare mais ao não reconciliar-se com o mesmo para assim evitar novas contrariedades, sempre de resultados bem desagradaveis.

Sem ter filhos, continuou a viver na mesma casa - sem vexames, sem preoccupações, sem contrariedades: com inteira decencia, crendos dos carinhos dos seus irmãos e com a pensão



Fonte: Acção Ordinária
de Desquite (1919 – 1922)
Acervo do CEDOC
Fotografia: Josenilce Barreto

4. O léxico: Um “passeio” pela cultura através das palavras

A tarefa de nomear coisas, objetos, seres em geral, etc. é muito antiga. Muitos atribuem o início do processo de nomeação a um ser supremo/superior, cujo poder se revelou a partir do momento em que aquele estabeleceu nomes para todas as coisas existentes dentro e fora da Terra. O estabelecimento deste “poder sobrenatural” se deu através do *verbum*, lexia oriunda do latim significando “palavra”, ou seja, foi através da língua que tudo o que existe ganhou nome e significado.

Ao falar em nome/palavra vem à tona, conseqüentemente, o que Saussure (1970) denominou de “signo linguístico”, o qual é composto por duas faces de uma mesma moeda: uma que é o significante (imagem do objeto) e outra que é o significado. No entanto, o signo linguístico, como sabido, é arbitrário, pois não há uma relação lógica entre significante e significado, visto que, por exemplo, a lexia “caneta” não apresenta uma logicidade entre o objeto em si e a sua função, pois se isto ocorresse, provavelmente o nome desse objeto que conhecemos poderia ser “escrevedor” ao invés de “caneta”. Desta forma, haveria uma relação icônica entre o objeto e a sua real função.

Em relação às palavras, cuja função primordial é estabelecer a comunicação, Bernardo (2007, p.165) afirma que:

As palavras surgem sobretudo em razão do objetivo básico da língua, a comunicação. Para construir neologismos, podemos recuperar ou dar novos sentidos a arcaísmos, utilizar estrangeirismos (aportuguesando-os ou não), estender metafórica ou metonimicamente o uso de uma dada palavra ou criar palavras por meio da composição e da derivação.

Sob tal entendimento, compreendemos que uma língua natural possui o seu próprio conjunto de palavras ou sistema léxico, visto que este é um conjunto aberto e infinito de itens lexicais, sejam estes adquiridos através de neologismos, empréstimos, etc. Sendo assim, o léxico abarca uma gama inesgotável de signos linguísticos que são reflexos da cultura do povo que os constitui. Mas, de que forma os signos linguísticos são reflexos da cultura?

Antes de respondermos a tal questionamento, Melo (1971, p. 19-20) diz que cultura “[...] é entendida como um produto histórico-social, e por isso não se

pode entendê-la/compreendê-la sem o passado. Cada estado cultural é um estágio [...] que emerge de um passado e se projeta para o futuro”. Assim, observamos nitidamente que ao se estudar a língua, em uma dada época, podemos compreender também alguns aspectos relativos à cultura e à sociedade pertencentes àquele momento histórico, aspectos estes que se refletem no presente, ou melhor, os dados socioculturais podem estar representados no presente ou no passado e vice-versa.

Corroborando a afirmativa de Melo (1971), Pires (2006, p.61) também fala que a língua reflete a cultura, visto que a língua é, segundo a autora,

[...] um sistema de signos que é visto como um valor cultural em si mesma. Os falantes identificam-se com os demais membros do grupo social através da língua e eles consideram a sua língua um símbolo da sua identidade social. Por conseguinte, pode dizer-se que a língua é uma realidade cultural.

Diante das afirmativas mencionadas anteriormente, inferimos que língua e cultura mantêm uma relação íntima, pois as influências culturais estão translúcidas no sistema linguístico, porque as línguas naturais, assim como as culturas, são heterogêneas. E, para ratificar isso, Citelli (1995) diz que as palavras nascem neutras, vazias de significação, e somente quando entram em contato com uma determinada cultura é que aquelas ganham significado e sentido, isto é, quando inseridas em um determinado contexto sócio-histórico-cultural.

Diante do exposto, é notório que a cultura desempenha um papel importante na solidificação dos signos linguísticos em palavras, que compõem todo o acervo vocabular pertencente a uma sociedade: o léxico.

4.1 Dos conceitos para a cultura: aplicando o Sistema Racional de Conceitos

A língua pode ser vista como um retrato cultural a partir do momento em que aquela revela aspectos importantes do *modus vivendi* de uma determinada sociedade. Assim, é impossível falar em cultura sem penetrarmos na história daqueles que a produzem ou produziram. Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre documentos de épocas pretéritas e/ou presentes são resgatadas a história, a cultura, a língua e a sociedade representadas naqueles. Subjaz a esse entendimento o fato de que “[...] Conhecer a história de uma palavra é desvendar

o pedaço de uma cultura, o modo como o cotidiano foi representado por uma língua, a forma como a língua expressa o olhar e o julgamento de uma civilização inteira”(LÍNGUA PORTUGUESA, 2006, p.18).

Para alcançarmos o conhecimento de uma cultura através das palavras devemos recorrer ao vocabulário utilizado pela sociedade, que é representada nos textos escritos, visto que é através da observação, descrição e análise do vocabulário que são mais perceptíveis os aspectos sociais, políticos, históricos, geográficos, antropológicos, culturais, entre outros, pois são as lexias que nos possibilitam conhecer mais nítida e intimamente a cultura e a sociedade. Estudando o vocabulário, conseqüentemente, estaremos adentrando no léxico pertencente àquela sociedade, pois “[...] estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico [...]” (ABBADE, 2006, p. 213).

Diante da afirmação de Abbade (2006), podemos dizer claramente que é no léxico que encontramos evidências concretas de como a língua está imbricada na cultura e na sociedade e vice-versa. Assim, a lexicologia “[...] tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p.16). E, é pensando nisso que nos apoiaremos no Sistema Racional de Conceitos, doravante SRC, desenvolvido por Hallig e Wartburg (1952-1963), o qual foi pensado a partir de três esferas conceituais e suas subdivisões, a saber: A) O Universo, B) O Homem e C) O homem e o universo. No entanto, apresentaremos algumas lexias ancoradas na esfera B (O Homem) e algumas de suas subdivisões, a fim de focalizarmos as influências culturais presentes na constituição do vocabulário da ação de desquite em estudo, já que o SRC parte de conceitos pré-científicos, o que valida ainda mais a presença/influência da cultura, pois são as crenças, os costumes, as experiências individuais e coletivas que determinam o uso efetivo da língua e não a ciência.

É importante salientar que o Sistema Racional de Conceitos possui várias subdivisões elaboradas pelos seus criadores com o objetivo de elencar o máximo possível de palavras encontradas no texto. Além disso, o SRC tem como aporte a Onomasiologia, a qual parte do conceito para o significado através das lexias, a fim de trazer à tona a cultura de uma determinada sociedade. Para as entradas lexicais foram adotados alguns critérios, tais como: as lexias são apresentadas em letras maiúsculas, seguidas pela classificação genérica da categoria gramatical a que

pertencem; as lexias compostas são classificadas como locução; as entradas dos nomes são feitas pelo masculino e feminino singular; as entradas dos verbos são feitas pelo infinitivo; após a entrada e a classificação apresentamos a significação da lexia no contexto específico, seguida de um exemplo do texto e o respectivo fólio e linhas; e os exemplos são apresentados em negrito e entre aspas (QUEIROZ, 2002).

4.2. Estudo do vocabulário

B - O HOMEM

I - O homem, ser físico

a) O ser

HOMEM (s.m.): ‘ser humano’.

Contexto: “[...] o **homem** toma uma especie de prazer no soffrimento [...]” (f. 39r, l. 19-20).

b) O Corpo

CORPO (s.m.): ‘A estrutura física do homem’.

Contexto: “[...] nesta dita noite / sua mulher o ameaçara / contra a sua vida atirando / atirando lhe as facas [...] / e garrafas, tendo affecta- / do o seu **corpo** [...]” (f. 29v, l.28-30; f. 30r, l.1-3).

c) Órgãos e suas funções

DIGESTÃO (s.f.): ‘Elaboração mecânica e química dos alimentos no estômago e nos intestinos, a qual os transforma em substâncias assimiláveis’.

Contexto: “[...] Até / no próprio somno, na respiração, na **digestão**, / de um certo modo, obedecem pelo habito [...]” (f. 40v, l.18-20);

RESPIRAÇÃO (s.f.): ‘Função pela qual células vivas oxidam substâncias orgânicas, e que se manifesta por trocas gasosas’.

Contexto: “[...] Até / no próprio somno, na **respiração**, na digestão, / de um certo modo, obedecem pelo habito [...]” (f. 40v, l.18-20).

d) Sono

DORMIR (v.i.): ‘Estar entregue ao sono’.

Contexto: “[...] ha mais de qua- / tro annos **dormindo** ella / em um quarto e elle em / outro [...]” (f. 30r, l.12-15);

SONO (s.m.): ‘Estado de uma pessoa cuja sensibilidade e atividade ficam suspensas; adormecimento, repouso’.

Contexto: “[...] Até / no próprio **somno**, na respiração, na digestão, / de um certo modo, obedecem pelo habito [...]” (f. 40v, l.18-20).

e) Morte

FALECIMENTO (s.m.): ‘Ato de falecer; morte, passamento, óbito.’

Contexto: “[...] Agora, por motivo do **fallecimento** de sua / pranteada mai *Dona Maximiana de Almeida* [...]” (f. 2v, l.10-11).

f) Moradia

CASA (s.f.): ‘Edifício destinado à habitação; vivenda’.

Contexto: “[...] continuou a viver na mesma / **casa** [...]” (f. 2r, l.23-25);

PRÉDIO (s.m.): ‘Propriedade urbana, edifício’.

Contexto: “[...] a residir no mesmo **prédio** [...] / aonde d’antes morava com o / seu marido o réu Antonio [...]” (f. 24v, l. 15-17).

II - A alma e o intelecto

a) Atitudes

PROMETER (v.t.i.): ‘Afirmar verbalmente (que se há dizer alguma coisa)’.

Contexto: “[...] **Prometteu** dizer / a verdade de que soubesse / e lhe fosse perguntado [...]” (f. 27r, l.21-23-);

PROTESTAR (v.t.): ‘Insurgir-se contra alguma coisa; reclamar; dar demonstrações de repulsa ou revolta contra alguma coisa’.

Contexto: “[...] **protestara** mais se não reconcili- / ar com o mesmo para assim evitar novas con- / trariedades [...]” (f. 2r, l.23-25).

b) Consciência

REFLEXÃO (s.f.): ‘Ato ou efeito de refletir’.

Contexto: “[...] uma agilidade / que o dispensão depois de toda **reflexão** [...]” (f. 40v, l.16-17).

c) Moral

DECÊNCIA (s.f.): ‘Respeito aos bons costumes; dignidade nas maneiras, na linhagem’.

Contexto: “[...] continuou a viver na mesma / casa com inteira **decencia**, cercada / dos carinhos dos seus irmãos e com a pensão [...]” (f. 2r, l. 27; 29-30);

HONESTIDADE (adj.): ‘Decoro, decência, probidade’.

Contexto: “[...] *Dona Albertina* / Barretto tem vivido com / **honestidade** [...]” (f. 24v, l. 24-26);

MORAL (s.f.): ‘Refere-se a ou caraterístico da moral’.

Contexto: “[...] della somente depende / nosso merito **moral**: O homem é perfeito [...]” (f. 41r, l. 8-9);

MORALIDADE (subst.): ‘Qualidade do que é moral’.

Contexto: “[...] A **moralidade** pratica do homem depende / também da cultura voluntaria de sua Sensi- / bilidade e de sua Razão [...]” (f. 40r, l. 27-30);

VIRTUDE (Adj.): ‘Boa qualidade moral’.

Contexto: “[...] a **virtude** é uma / força que elle póde centuplicar como todas / as outras, exercendo-a. [...]” (f. 40r, l. 30; f. 40v, l. 7-8).

d) Sentimento

CARINHO (s.m.): ‘Afago, meiguice’.

Contexto: “[...] cercada/ dos **carinhos** dos seus irmãos e com a pensão [...]” (f. 2r, l. 29-30);

BOA VONTADE (loc.adj.): ‘dar alguma coisa com prazer’.

Contexto: “[...] que o seu pai - Coronel Agostinho Froes da Motta / lhe vem dando, de **bôa vontade** [...]” (f. 2v, l. 8-9);

ARDENTE DESEJO (loc. adj.): ‘Intensa vontade de realizar algo’.

Contexto: “[...] Esse e outros factos firmaram no espírito da / *Supplicante* o **ardente desejo** de desquitar-se, já [...]” (f. 3r, l. 9-10).

e) Vontade

VONTADE (s.f.): ‘Capacidade de uma pessoa agir com intencionalidade definida’.

Contexto: “[...] porem decidiu-se / por sua livre **vontade** a fazer o que fez, isto é: / abandonar o lar [...]” (f. 42r, l. 27-27).

III - O homem, ser social

a) Relações de parentesco

PAI (s.m.): ‘Progenitor’

Contexto: “[...] O **pai** da *Supplicante* que não consenteria nunca / que ninguém zelasse mais do que ele [...]” (f. 2V, l. 21-22;).

IRMÃO (s.m.): ‘Filho dos mesmos pais; irmandade’.

Contexto: “[...] cercada / dos carinhos dos seus **irmãos** e com a pensão [...]” (f. 2r, l. 29-30).

b) Casamento

MARIDO (s.m.): ‘Homem em relação à mulher com quem se casou; esposo’.

Contexto: “[...] ficando / assim - **marido** e mulher - habilitados a / administrar e dispor livremente [...]” (f. 3r, l. 14-17;).

MULHER (s.f.): ‘Pessoa do sexo feminino com quem se mantém uma relação conjugal, esposa, senhora’.

Contexto: “[...] ficando / assim - marido e **mulher** - habilitados a / administrar e dispor livremente [...]” (f. 3r, l. 14-17).

c) Trabalho

OFFICIAL DE JUSTIÇA (loc. subst.): ‘Empregado, administrativo ou judicial, encarregado de fazer intimações, citações etc.’

Contexto: “[...] Mando ao **Oficial de Justiça** [...]”. (f. 10r, l.13).

JUIZ DE DIREITO (loc. subst.): ‘Aquele que é togado e administra a justiça em primeira instância’.

Contexto: “[...] Mere / tissimo Senhor Doutor **Juiz de Direito** para que este [...]” (f.6r, l.14).

IV - O homem na organização social

a) Estado

CÓDIGO CIVIL (loc.subst.): ‘Conjunto ordenado, sistematizado e unitário de normas do foro do direito privado’.

Contexto: “[...] motivo expresso no nº IV do artigo / 317 do **Código Civil** [...]” (f. 2r, l.25-26).

b) Justiça e organização judiciária

COMARCA (s.f.): ‘Circunscrição judiciária sob a alçada de um juiz de direito’.

Contexto: “[...] *Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito* desta **Comarca** [...]” (f. 2r, l.1).

CARTÓRIO (s.m.): ‘Lugar onde funcionam os tabelionatos, os ofícios de notas, os registros públicos, e se mantêm os respectivos arquivos’.

Contexto: “[...] os livros de procurações / em notas deste meu **cartório** [...]” (f. 5r, l.9-10).

CERTIDÃO DE CASAMENTO (loc. subst.): ‘Documento em que se certifica a união conjugal’.

Contexto: “[...] deveria estar a **certidão do casamento**, peça importantíssima [...]” (f. 49r, l.9).

TESTEMUNHA (s.f.): ‘Pessoa que relata o que viu ou ouviu’.

Contexto: “[...] **Tes- / temunha** jurada na forma/ da Lei. [...]” (f. 27r, l. 19-21).

AÇÃO ORDINÁRIA DE DESQUITE (loc. subst.): ‘Documento em que se certifica a separação legal dos cônjuges e seus bens’.

Contexto: “[...] vem propor ao seu marido a pre- / sente **acção ordinaria de desquite** [...]” (f. 3r, l.23-24).

c) Disputas

ATIRAR (v.t.i): ‘Atirar com ímpeto, arremessar projéteis’.

Contexto: “[...] nesta dita noite / sua mulher o ameaçara / contra a sua vida atirando/ atirando lhe as faces [...] / e garrafas, tendo affecta- / do o seu corpo [...]” (f. 29v, l.28-30; f. 30r, l.1-3).

d) Crenças religiosas

JESUS CRISTO (s.m.): ‘Filho de Deus, Senhor’.

Contexto: “[...] que no Anno do Nascimen- / to de Nosso Senhor **Jesus Christo** [...]” (f. 5r, l.20-21).

5. Considerações finais, mas não as últimas...

Estudar documentos escritos nos permite conhecer como comunidades pretéritas e/ou presentes vivem ou viviam. Através das edições proporcionadas pela filologia, tem-se acesso a textos fidedignos que nos levam aos dados da língua e com estes ao conhecimento da cultura dos povos que os produziram.

Através da lexicologia também temos a oportunidade de ampliar o nosso vocabulário, visto que aquela tem como função primordial estudar, sistematicamente, as palavras, e através destas somos levados ao universo sociocultural representado nos textos que temos à nossa disposição.

Dessa forma, ao unirmos a filologia - ciência que se ocupa em editar, a partir de critérios específicos, e salvar documentos “esquecidos” nas linhas do tempo - e a lexicologia – ciência que tem como objeto de estudo o léxico - tem-se em mãos “o dueto” perfeito para identificar, analisar e fazer transbordar a cultura presente nos documentos, neste caso em uma ação de desquite.

Em vista disso, ao “descortinar” algumas características da cultura de Feira de Santana do início do século XX presente no documento em análise, através das lexias, pudemos perceber que língua, cultura e sociedade são realmente indissociáveis, pois uma está acorrentada à outra, estabelecendo constantemente conexões ininterruptas. Sem mais delongas, podemos concluir dizendo que, por se tratar de um trabalho em caráter inicial, ainda há muitas observações, estudos e análises a serem realizados, pois as relações existentes entre o tripé mencionado

anteriormente estão longe de serem completamente desvendadas, se é que algum dia realmente conseguiremos esmiuçá-las e quiçá descrevê-las sistematicamente...

Referências Bibliográficas

ABBADE, C. M. de S. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M. da C. R.; QUEIROZ, R. de C. R. de; SANTOS, R. B. dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

BALDINGER, K. Língua e Cultura. **Alfa – Revista de linguística**, v.9, p. 37-56, 1966. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3266/2993>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

BERNARDO, C. da P. Pesquisa onomasiológica da palavra “Cachaça” no Rio de Janeiro. In: QUEIROZ, R. de C. R. de (Org.). **Seminário de Estudos Filológicos**, 2, 2007. *Anais...* Salvador: Quarteto, 2007. p. 165 – 172.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISQUERDO, A.N. **As Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e linguística em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: T.A. Queiroz / Ed. Universidade de São Paulo, 1981. p.131-145.

BUENO, F. da S. **Estudos de filologia portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1967. p.6-11.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CITELLI, Ad. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. rev. e atual. 2. imp. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. totalmente revista e ampliada. 4. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HALLIG, R.; WARTBURG, W. von. **Begriffssystem als grundlage für die lexikographie**; Versuch eines Ordnungsschemas. 2. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Berlin: Akademie Verlag, 1963.

LÍNGUA PORTUGUESA: **Especial – Etimologia**. São Paulo: Editora Segmento, ano 1, p. 18, jan. 2006.

MELO, G. C. de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 4. ed. melh. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. p. 20-21.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

QUEIROZ, R. de C. R. de. Introdução metodológica. In: QUEIROZ, R. de C. R. de (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007. p. 23-34.

QUEIROZ, R. de C. R. de. “**Dos benefícios de Deus**”, “**Livro da Consciência e do conhecimento próprio**”, “**Da amizade e das qualidades do amigo**”: Edição e vocabulário onomasiológico de três tratados da obra ascético-mística “Castelo Perigoso” (Cód(s). ALC 199 e ALC 214). 2002. 468f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PIRES, E. C. R. **Língua e cultura**. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2006. p. 59-76.

ROHLFS, Gerhard. **Diferenciación léxica de las lenguas románicas**. Traducción y notas de Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1960.

SANTOS, R. B. dos. Léxico e cultura. In: QUEIROZ, R. de C. R. de (Org.). **Língua, cultura e sociedade**: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009. p. 11.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013

